

Movimentos eclesiais e ecumenismo: a experiência do Movimento dos Focolares

Ecclesial movements and ecumenism: experience of the Focolare Movement

Sandra Ferreira Ribeiro¹

Resumo

O nosso mundo encontra-se sempre mais globalizado e marcado pelo pluralismo religioso. Nesse contexto, os movimentos eclesiais possuem um papel especial no diálogo ecumênico. Muitos desses movimentos, de fato, são internacionais e contam com cristãos de várias igrejas entre os seus aderentes. A proposta do presente artigo é lembrar que os movimentos eclesiais expressam a dimensão carismática da Igreja e, portanto, possuem o mesmo objetivo e missão desta, ou seja, a unidade. O artigo apresenta algo da experiência do Movimento dos Focolares como um exemplo, entre outros, da contribuição dos movimentos eclesiais para o ecumenismo.

Palavras-chave

Ecumenismo. Movimentos. Diálogo. Carismas.

Abstract

The world is ever more globalized and we also are facing religious plurality. In this context, the ecclesial movements have a special role in the ecumenical dialogue. So many movements, in fact, are international and most of them have people belonging to various churches. The purpose of this article is to remember that these movements express the charismatic dimension of the Church and therefore have the Church's same aim and mission; that is, to live for unity. The article presents the Focolare Movement as an example of the ecclesial movements' contributions toward ecumenism.

Keywords

Ecumenism. Movements. Dialogue. Charisms.

INTRODUÇÃO²

Falar de movimentos eclesiais tem tudo a ver com aquela ação renovadora do Espírito Santo que é sua por antonomásia e que confluíu na surpreendente nova autocompreensão da Igreja, como comunhão, amadurecida no Concílio Vaticano II (LG 1).

O concílio afirma que antes de inspirar na Igreja católica as bases definitivas para uma renovação pastoral e teológica, o Espírito Santo preparou o terreno suscitando no interior da mesma Igreja católica muitas pistas para a renovação do pensamento e da vida da Igreja, como “os movimentos bíblico e litúrgico, a pregação da palavra de Deus e a catequese, o apostolado

¹ Doutoranda em Teologia no Instituto Universitário Sophia de Loppiano (IUS). Mestre em Ecumenismo pelo Instituto de Estudos Ecumênicos São Bernardino de Veneza (ISE). Mestre em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP). Bacharel em Teologia pela Pontifícia Universidade Lateranense de Roma (PUL). Licenciada em Física pela USP. Perita na V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe. Contato: sfr.persempre@gmail.com.

² Este artigo reproduz, em parte, um capítulo da nossa dissertação de mestrado defendida junto ao Instituto de Estudos Ecumênicos São Bernardino de Veneza em 1991, com o título *Il contributo de Chiara Lubich all'ecumenismo. Rapporti con il Patriarcato ecumenico di Costantinopoli*.

dos leigos, as novas formas de vida religiosa, a espiritualidade do matrimônio, a doutrina e atividade da Igreja no campo social.” (UR 6).

Essa renovação manifesta-se de maneira muito forte no âmbito da relação com as outras Igrejas cristãs: é a partir do Vaticano II, como sabemos, que a Igreja católica entrará no movimento ecumênico, reconhecendo-o como obra do Espírito Santo (UR 1) – em um ato de humildade, já que se tratava de algo nascido fora dos seus limites confessionais.

Muitos dos atuais movimentos eclesiais nasceram antes do concílio e, enquanto expressões de carismas doados à Igreja pelo mesmo Espírito, podem ser incluídos entre os fermentos que promoveram uma tal renovação.

De fato, por exemplo no âmbito ecumênico, muitos deles já antes do concílio haviam iniciado um percurso - por caminhos traçados pela divina providência – que os colocou em contato com cristãos de outras igrejas, vivendo assim uma rica experiência de comunhão fraterna.

Queremos trazer, com esse artigo, a experiência de um desses movimentos eclesiais, o Movimento dos Focolares, surgido em Trento na época da Segunda Guerra Mundial, como resultado espontâneo de uma experiência de vida do Evangelho por parte de várias moças e em seguida, rapazes, liderados por Chiara Lubich, considerada fundadora do movimento.

Hoje o Movimento dos Focolares configura-se como um movimento católico eclesial que conta com mais de dois milhões de participantes de todas as idades, vocações, e presente em muitos países. Aderem a ele também pessoas de outras igrejas, fiéis de outras religiões e até mesmo pessoas sem um credo religioso, atraídas pelo ideal de unidade e fraternidade proposto pelo movimento. Pode-se falar de um pequeno ‘povo’ que pretende viver a cultura da unidade na diversidade.

1 UM NOVO ENFOQUE DOS CARISMAS

O Vaticano II revaloriza os carismas revalorizando a dimensão carismática da Igreja. A constituição *Lumen gentium* sobre a Igreja, do Concílio Vaticano II, vai nessa direção: afirma que o Espírito Santo “leva a Igreja ao conhecimento da verdade total. Unifica-a na comunhão e no ministério. Dota-a e dirige-a mediante os diversos dons hierárquicos e carismáticos” (LG, 12). As ordens religiosas, os movimentos, Associações e novas comunidades são portadores desses dons carismáticos.

Precisemos o que se entende por “movimentos”. João Paulo II nos ajuda oferecendo uma definição, mesmo se – o papa reconhece - o termo é relacionado a realidades diferentes entre si, às vezes até pela configuração canônica. Sem pretender fixar ou esgotar toda a riqueza da criatividade do Espírito Santo, “movimento” indica – continua o papa - “uma concreta realidade eclesial com participação prevalentemente laical, um itinerário de fé e de testemunho cristão que fundamenta o próprio método pedagógico em um carisma determinado doado à pessoa do fundador em circunstâncias e modos determinados” (JOÃO PAULO II, 1999, p. 18).

Na sua mensagem de abertura do Congresso Mundial dos Movimentos Eclesiais, em 1998, João Paulo II usa uma expressão muito significativa. Ele lembra que a dimensão institucional e a dimensão carismática da Igreja não são contrapostas, mas coessenciais à sua constituição divina, pois, juntas, renovam, segundo os seus próprios modos, a autoconsciência da Igreja. E continua: “a própria Igreja, pode-se dizer, é um ‘movimento’ enquanto acontecimento no tempo e no espaço, envolvendo a missão do Filho por obra do Pai na potência do Espírito Santo” (JOÃO PAULO II, 1999, p. 19).

Recentemente, a Congregação para a Doutrina da Fé publicou a carta *Iuvenescit Ecclesia* sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da Igreja. Entre outras coisas afirma – retomando o decreto sobre o apostolado dos leigos (AA19) – a tríplice relação entre movimentos, carisma e dimensão apostólica da Igreja: “estas agregações eclesiais, com origem num carisma partilhado, tendem a ter como propósito ‘o fim apostólico geral da Igreja’” (IE 2).

A esse propósito, o documento da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) *Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade* lembra que os movimentos eclesiais e associações de fiéis são um sinal da providência de Deus para a Igreja de hoje” (CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL, 2016, n. 81).³

2 NECESSIDADE DE UMA ESPIRITUALIDADE ECUMÊNICA

O diálogo ecumênico, seja em nível institucional, teológico como também prático já produziu e continua produzindo muitos frutos, mas, atualmente, é convicção sempre mais compartilhada que, além disso, é preciso que haja uma difusão entre os cristãos, de uma espiritualidade ecumênica, feita de consciência e atitudes fraternas derivadas do batismo que temos em comum. Espiritualidade ecumênica, ou seja, um estilo de vida baseado nos valores humanos e cristãos que levam à reconciliação.

O diálogo da vida, no dia a dia, deve dar origem a uma nova cultura: a cultura do diálogo, do encontro, da confiança, da partilha, da busca da paz. No documento *Do conflito à comunhão*, preparado por luteranos e católicos por ocasião dos 500 anos da Reforma, foram evidenciados cinco imperativos ecumênicos que podem nortear a busca de uma espiritualidade ecumênica.

Hoje fala-se também da necessidade de um ecumenismo receptivo, ou seja, na conscientização de cada Igreja de ser um dom para as outras, que todas podem aprender algo com as demais.⁴ Esse conceito tem suas raízes em uma expressão usada por João Paulo II na sua encíclica *Ut unum sint* sobre o diálogo ecumênico, de “ecumenismo como uma troca de dons” (UUS, 28).

³ Cf. também o capítulo 5, de modo especial o número 5 do documento *Comunidade de comunidades: uma nova paróquia. A conversão pastoral da paróquia* da CNBB.

⁴ Expressão criada por Paul Murray (2008), professor universitário em Durham que procurava uma nova abordagem para o ecumenismo.

A busca da reconciliação é tarefa da Igreja como um todo, portanto, de todo o povo de Deus e não só dos pastores (UR 5). Associações e movimentos, hoje, apresentam-se como instâncias privilegiadas na busca da reconciliação entre os cristãos.

3 A EXPERIÊNCIA ECUMÊNICA DO MOVIMENTO DOS FOCOLARES

Remonta à década de 1960 os primeiros contatos do Movimento dos Focolares com cristãos de outras tradições. Analisando sua espiritualidade, vê-se que os 12 pontos nos quais ela se articula⁵ são, em resumo, verdades teológicas da doutrina cristã contidas na Palavra de Deus, mas sublinhadas de maneira nova pelo Espírito como é típico acontecer no contexto de um carisma eclesial.

Esses 12 pontos da espiritualidade são compartilhados por todos os membros do movimento, também pelos de outras tradições cristãs, mesmo se com ênfase particular conforme a teologia de cada Igreja. Mas alguns entre esses pontos tiveram particular ascendência sobre esses cristãos quando vieram em contato com o movimento. São eles: a acentuação da Palavra de Deus como Palavra que deve ser não só meditada, mas colocada em prática no dia a dia; a consideração da promessa de Jesus em Mateus 18,20 sobre a sua presença onde dois ou três estão unidos no seu nome; e a unidade, palavra que resume a espiritualidade do movimento e que indica o desejo dos seus membros de contribuírem na Igreja para que se realize o desejo último de Jesus entendido como um testamento: “Que todos sejam um” (Jo 17,21).

Acenaremos aos relacionamentos do Movimento dos Focolares com cristãos evangélico-luteranos, reformados e anglicanos. Mas é preciso ressaltar o grande relevo histórico representado pelos contatos com a Igreja ortodoxa, de modo especial com o patriarca ecumênico Atenágoras.

3.1 “A Palavra de Deus” e os luteranos

“Como? Os católicos vivem o Evangelho?” (BOSELLI; LUBICH, 1977, p. 42). Foi esta a pergunta espontânea que fizeram alguns pastores evangélicos presentes no primeiro encontro ecumênico em Darmstadt, em 1960, no qual a Lubich apresentou a história e a espiritualidade do movimento para um grupo da Marienschwestern.

A importância dada pelo movimento à Palavra de Deus vivida foi o que fascinou os irmãos luterano-evangélicos fazendo-os encontrar na espiritualidade do movimento uma espiritualidade adequada também a eles.

⁵ Deus que se revela como amor, a importância em se fazer a vontade de Deus na nossa vida privada e na sociedade em geral, o amor ao próximo que Jesus considera como amor a Ele, o amor recíproco conforme o mandamento novo, Jesus em meio, ou seja, a presença de Jesus “onde dois ou três estão unidos no Seu nome” (cf. Mt 18,20), a prática da Palavra e Deus, Jesus na cruz quando grita o seu abandono, como modelo de amor extremo na construção da unidade, o amor e frequência à eucaristia como vínculo que nos torna “um”, Maria como modelo do cristão, a obediência à hierarquia da Igreja, a escuta do Espírito Santo que fala na consciência, a tensão a viver pela unidade de todos.

Lendo a história do movimento vê-se que, desde o início, esse amor à Palavra de Deus parece ecoar a recomendação de Tiago: “Colocai em prática a palavra e não vos contenteis em ouvi-la, enganando-vos a vós mesmos” (Tg 1,22).

A vida da Palavra era tão importante e constante ao ponto de fazer aquelas primeiras jovens afirmarem que a ‘veste’ delas era a Palavra de Deus. Em um trecho de 1950, a Lubich afirma: “Para nós, para cada um de nós, a Palavra de Vida é a veste, o traje nupcial da nossa alma, esposa de Cristo. É aquilo que para as ordens religiosas é o hábito. [...] Para nós o hábito é todo interior” (LUBICH, 1975a, p. 37).

Para os membros do movimento a comunhão cotidiana com a Palavra de vida adquire uma importância comparável à comunhão com a eucaristia, o que os coloca na mesma linha com o testemunho dos padres da Igreja (LUBICH, 1975, p. 38-40),⁶ e em consonância com o que diz o Concílio Vaticano II, que na *Dei Verbum* afirma: “A Igreja sempre venerou as divinas escrituras como o fez para o próprio corpo do Senhor, não deixando nunca, especialmente na Sagrada Liturgia, de nutrir-se do pão de vida da ceia, seja da Palavra de Deus que do Corpo de Cristo e de oferecê-lo aos fiéis” (DV 21).

Era algo que exigia uma reviravolta radical de mentalidade, de vida. Olhando para o passado pessoal de cada uma, sentiam-se elas também “comprometidas com aqueles cristãos” que atraíam o ódio do mundo não tanto “porque viviam o Evangelho, mas porque com a própria vida incoerente, o esvaziavam de conteúdo” (LUBICH, 1975, p. 31).

Em uma carta de 1948 a Lubich, escreve:

Entendemos que o mundo precisa de uma terapia do Evangelho, porque só a Boa Nova pode lhe dar novamente aquela vida que lhe falta. Eis porque nós vivemos a Palavra de Vida [...]. Experimente vivê-la e nela encontrará toda a perfeição. E como a cada manhã é suficiente aquela única Hóstia Santa que recebe, sem desejar outra, do mesmo modo fique saciada com esta palavra. [...] Do contrário o amor é um sentimentalismo vazio. [...] Não temos outro livro além do Evangelho, não temos outra ciência, nem outra arte. (LUBICH, 1975, p. 36).

Outros pontos da espiritualidade do movimento encontram um particular interesse por parte dos luteranos, por exemplo, *Jesus Abandonado*. De fato, a teologia de Lutero é *theologia crucis*. Para ele, viver a Palavra é importante porque na acolhida da mesma consiste a salvação do homem. Porém a pregação da Palavra revela-nos que Deus opera *subcontrário*, isto é, através da cruz: e é exatamente na atualização da cruz de Jesus na nossa cruz, aqui e agora, que a obra de Deus (a nossa salvação) é acolhida por nós (VERCRUYSSSE, 1989, p. 16-29).⁷

⁶ A autora cita o testemunho de alguns padres da Igreja.

⁷ O autor evidencia: “Em primeiro lugar deve-se notar que a *theologia crucis* não é nem uma doutrina particular da teologia de Lutero, ao lado da sua doutrina sobre Deus, da sua soteriologia, cristologia ou antropologia, e nem mesmo um aspecto particular da sua espiritualidade. O termo recapitula absolutamente toda a verdadeira teologia cristã. A teologia da cruz abraça a totalidade do pensamento e da vida cristã.” (1989, p. 18). Conforme também Loewenich (1975, p. 217): “A *theologia crucis* não

A pregação da Palavra, juntamente com a administração dos sacramentos segundo a instituição de Cristo é, para os reformadores, o elemento em base ao qual se reconhece a existência da Igreja⁸

Para Lutero, a Palavra é

vivificante, realidade vivente, imediata, é potência de renovação eficaz e onipotente, em si mesma é ativa, ressoa e cria. Ali onde a Palavra é pregada e é recebida surge a Igreja, a comunidade dos crentes, não como associação livre de almas eleitas, fascinadas pela revelação divina, mas como obra própria de Deus, já que a Palavra suscita nova vida. Esta Palavra criadora de vida verifica-se lá onde o texto sagrado é meditado, oferecido a todos (TOURN, 1971, p. 45-46).

Para Lutero, existe nas Sagradas Escrituras uma particular presença de Deus. Comentando Romanos 15, 2-4, ele diz:

Certo, a Palavra pregada à viva voz possui efetivamente mais vida em relação à letra escrita. [...] Mas o mesmo acontece quando não tens a possibilidade de ir ouvir a pregação. Então Deus diz: A escritura que estás lendo é constituída por letras, mas nelas está descrito Jesus Cristo, por isso te doa vida. É um grande milagre este, que Deus se abaixe tão profundamente ao ponto de esconder-se nas letras (LUTERO, 1984, p. 95).

Podemos, portanto, dizer que existe uma consonância entre a ênfase dada à vida da Palavra na espiritualidade do Movimento dos Focolares, à descoberta continua do Evangelho como Palavra de vida, e a mesma convicção em Lutero: “a ‘Sagrada Escritura’ não contém palavras que devem ser apenas lidas, [...] mas somente palavras de vida, que são escritas não para especulações e para um sublime poetizar e sim para viver e para atuar” (LUTERO, 1984, p. 143). Para Lutero, a Palavra de Deus deve ser evidenciada no seu valor “quotidiano, na sua capacidade de se tornar companheira de viagem e de prosseguir conosco em todos os nossos caminhos”. Como observa Luigi Sartori, a espiritualidade de Lutero, portanto, “configura-se totalmente como familiaridade com a Bíblia, familiaridade que leva a viver sempre e tudo ‘com’ a Palavra de Deus: à sua luz, sob a sua guia, com a sua força e o seu conforto” (LUTERO, 1984).⁹

Hermann Dietzfelbinger, então bispo luterano da Baviera e membro da comissão teológica para o diálogo entre a Igreja católica e a Federação Luterana Mundial, em uma entrevista concedida após o seu encontro com a Lubich em Munique, por ocasião da visita desta última à Alemanha de 14 a 20 de setembro de 1981, chamou a atenção sobre a atrativa que

representa o prelúdio anti-reformatório da teologia de Lutero propriamente dita, mas antes o sinal inconfundível de todo o seu pensamento teológico.”

⁸ Cf. artigos 7 e 8 da Confissão de Augsburgo.

⁹ Cf. Lutero (1984, p. 93-98). Comentando Romanos 15,2-4, Lutero evidencia a função consoladora da Palavra de Deus, mas é necessário considerar sempre que, para ele, este aspecto da Escritura encontra-se quase sempre relacionado com o problema da justificação e portando conforto no sentido soteriológico, como força existencial do cristão.

exerce sobre os luteranos a escuta da Palavra de Deus e a consequente atuação da “Palavra de vida”, na espiritualidade do Movimento dos Focolares. E concluiu dizendo que:

Exatamente nós, cristãos evangélico-luteranos, devemos considerar a espiritualidade do Movimento dos Focolares com muita seriedade, porque nela evidenciam-se alguns pontos que nós definimos como “movimento de reavivamento”. O que mais nos atrai é viver na escuta da Palavra de Deus, viver a “Palavra de Vida”. Para nós esta poderia ser uma contribuição essencial para compreender a Igreja Católica. E acredito que também no futuro esta vida de adesão ao Evangelho poderia dissolver muitas dificuldades, colocando em uma nova luz coisas que, talvez durante séculos, foram esquecidas entre as duas igrejas (FALLACARA, 1981b, p. 33).

Este desejo e compromisso dos membros do Movimento dos Focolares por uma vida conduzida em obediência à Palavra de Deus, pode constituir-se como base para uma aproximação e encontro com os irmãos luterano-evangélicos.

3.2 “Jesus em meio” e os reformados

Judith Marie Povilus constata que é de época muito recente um interesse renovado para com as várias formas de presença do ressuscitado na Igreja, além da presença eucarística. As encíclicas *Mediador Dei* (1947) e *Mysterium fidei* (1965) e o Concílio Vaticano II falaram sobre isto (POVILUS, 1981, p. 226). Muitos teólogos modernos falam da presença do ressuscitado na comunidade, mas relacionando-a somente com um contexto litúrgico (POVILUS, 1981, p. 227).

Para a Lubich ao invés, as palavras de Mateus 18,20 têm um significado muito mais amplo, e podem ser aplicadas a qualquer reunião (ROSSÈ, 1972, p. 138).¹⁰ Desde que, obviamente, seja atuada a caridade recíproca e salvo restando o fato que esta presença do ressuscitado entre os seus permanece sempre, e de qualquer modo, um dom que o Senhor concede na liberdade infinita do Seu amor.

Desde o início do movimento, torna-se característica a expressão *Jesus em meio* para indicar essa especial modalidade de presença do ressuscitado:

Na história do Movimento, sem muitos raciocínios teológicos e filosóficos, sempre compreendemos que a presença de Jesus não se limitava à Sua presença física, outrora na história e hoje no céu. *Existia a presença de Jesus no meio dos homens*, de Jesus na Eucaristia, de Jesus na Palavra, de Jesus no irmão, de Jesus na hierarquia (LUBICH, 1976, p. 2, grifo nosso).

Porém, existe um outro aspecto de *Jesus em meio* no pensamento da Lubich que deve ser sublinhado: esta presença do ressuscitado faz dos “dois ou três”, Igreja, e encontramos a

¹⁰ O autor chega à conclusão que Jesus promete a sua presença a qualquer reunião feita por causa dele ou em seu nome, prescindindo do gênero ou amplidão delas, e na nota explica que a expressão “dois ou três” obriga-nos a esta conclusão, porque naquela época não apenas dois ou três, mas toda a comunidade participava das assembleias litúrgicas e disciplinares.

confirmação disso em João Paulo II.¹¹ Os padres da Igreja evidenciam a presença do ressuscitado na Igreja sobre a base de Mateus 18,20 (LUBICH, 1976, p. 8-22). A célebre afirmação de Tertuliano: “Onde dois ou três ‘estão reunidos’, mesmo se leigos, ali está a Igreja” foi sempre muito estimada no movimento, exatamente porque evidencia a possibilidade de que dois ou três unidos no nome do Senhor sejam Igreja.

Segundo o pensamento de Lubich, *Jesus em meio* nos faz ser Igreja, mas para ela esta presença do ressuscitado que se deseja ter em todas as reuniões do movimento, e que foi uma sua característica desde os albores, é uma certeza somente *porque e se* nos encontramos unidos à “grande Igreja e aos seus pastores” (LUBICH, 1976, p. 20-21).¹²

O fato que dois ou mais podem ‘ser Igreja’ a Lubich o explica afirmando que “vivendo com Jesus no meio nos inserimos na presença de Jesus na sua Igreja” (LUBICH, 1976, p. 9), mas para que isto se torne realidade existem condições. Estar unidos no Seu nome, que é condição para que exista esta presença do ressuscitado que nos faz Igreja, quer dizer, para a Lubich, “se estivermos unidos Nele, na Sua vontade, no amor que é a Sua vontade, no amor recíproco que é a suprema vontade de Jesus, o Seu mandamento, onde existe unidade de sentimentos, de vontade, de pensamento se possível em tudo, mas *decididamente na fé*” (LUBICH, 1976, p. 29-30, grifo nosso).

Portanto, para a espiritualidade da Lubich, Jesus ressuscitado que subiu ao céu e vive junto do Pai, não vive apenas em cada crente individualmente, e nem somente atua através do ministério da Igreja, mas, sendo o mesmo Jesus, vive e atua ao mesmo tempo, no meio daqueles que se reúnem em seu nome.

Pois bem, como observa Lukas Vischer “existe uma grande afinidade entre a ‘paixão’ que se encontra em Calvino pela pequena comunidade eclesial que se realiza lá onde dois ou três estão reunidos no nome de Jesus, e o tema de *Jesus no meio* da espiritualidade do Movimento dos Focolares” (MARL, 1982, p. 2, grifo nosso).¹³

¹¹ Cf. JOÃO PAULO II. A Igreja como sinal da vontade salvífica de Deus, em **Observatório Romano**, n. 149, 2-3 de julho 1979, p. 2: “Quão pouco é necessário para que esta Igreja exista e se difunda! Disto decidem aqueles dois ou três reunidos no nome de Cristo e por meio Dele, na oração, com o Pai. Quão pouco é necessário para que esta Igreja exista em toda parte, até mesmo lá onde, segundo as leis humanas, não existe e nem pode existir e onde é condenada à morte! Quão pouco é necessário para que exista e realize a sua substância mais profunda!” (nossa tradução); Cf. também GUTZWILLER Richard. **Cristo nel Vangelo di Matteo**, Roma: Città Nuova, 1965, p. 229, apud POVILUS, Judith Marie. “**Gesù in mezzo**” nel pensiero di Chiara Lubich. **Genesi, contenuti e attualità di un tema della sua spiritualità**, 2. ed. Roma: Città Nuova, 1981, 246: “Em pequena escala a Igreja está em todo lugar, lá onde dois ou três estão reunidos no nome do Senhor. É uma comunidade ao redor de Cristo e em Cristo. A Igreja é universalmente lá onde existe a comunidade de todos os fiéis ao redor de Cristo” (nossa tradução).

¹² A este respeito a autora cita Cipriano: “Pois bem, e como pode estar de acordo com um outro quem não está em acordo com o corpo da mesma Igreja e com toda a comunidade dos irmãos? De que modo podem reunir-se dois ou três em nome de Cristo quando sabe-se que eles separaram-se de Cristo e do Seu Evangelho?”

¹³ L. Afirmou-o por ocasião da visita da Lubich à sede da Federação das Igrejas Reformadas em 24 de setembro de 1982.

“De fato, ainda mais do que Lutero, Calvino baseia-se sobre o trecho de Mateus 18,20, caro aos pequenos rebanhos e àqueles que os preferem” (LEONARD, 1971, p. 401).¹⁴ Para Calvino, como para os outros reformadores, o vínculo de fé que une a Igreja universal é constituído pela pregação da Palavra de Deus com pureza, na sua escuta, e na administração dos sacramentos segundo a instituição de Cristo. Se existem estes elementos não podem existir dúvidas que ali exista a Igreja, porque “de fato, não pode falhar a promessa que Cristo nos fez: ‘em todo lugar onde dois ou três estão reunidos no meu nome eu estou no meio deles’” (CALVINO, 1971, p. 1210).

E ainda, para Calvino, esta promessa de Cristo diz respeito não apenas a um concílio universal, mas também a uma pequena assembleia (CALVINO, 1971, p. 1367). Esta acentuação da eclesialidade das pequenas assembleias, com base na promessa de Cristo em Mateus 18,20 (SELBIE, 1927 apud CONGAR, 1972, p. 339),¹⁵ está presente na teologia reformada. Para Barth “acredita-se na unidade da Igreja, na unidade das comunidades, quando cada um acredita na existência da própria Igreja concretamente”, tanto que, segundo ele,

os cristãos verdadeiramente ecumênicos não são aqueles que minimizam as diversidades e as sobrevoam. São cristãos ecumênicos aqueles que, cada um na própria Igreja, formam a Igreja na sua máxima concretude. “Onde dois ou mais estão reunidos no meu nome, aí estou eu no meio deles”: eis a Igreja (BARTH, 1969, p. 221).

Para Barth, ainda, a Igreja é algo de vivente porque é “o acontecer de uma reunião” (BARTH, 1970, p. 51). Este conceito faz parte integrante da essência da Igreja, e não se pode entender o que acontece praticamente na Igreja, no verdadeiro significado da palavra, prescindindo desta sua característica.

Para Lukas Vischer, reformado, é exatamente este viver juntos “em Cristo”, entre membros católicos e reformados no Movimento, que constitui a grande “chance que o Movimento dos Focolares representa para o movimento ecumênico”. E continua afirmando que isto é algo de “totalmente diferente das atividades ecumênicas comuns” e que, portanto “é muito importante que, seja a Igreja Católica, seja a Reformada reconheçam-se totalmente neste

¹⁴ É necessário acrescentar porém que trata-se de uma acentuação, porque também Lutero não coloca limites de espaço à existência da Igreja: Cf. CASSESE Michele. La concezione della Chiesa nella Confessione Augustana del 1530. **Ricerche Bibliche e Religiose** 14/1980, n. 2, p. 32: Na sua “confissão” de 1528 Lutero fala da Igreja “espalhada corporalmente sob o Papa, os turcos, os tártaros e por toda parte, mas reunida espiritualmente em um só Evangelho e em uma única fé, sob um só chefe que é Jesus Cristo. À página 33 continua o autor: “No que se refere à Confissão Augustana nesta não se fala “somente da Igreja mas também das Igrejas, isto é das comunidades eclesiais. [...] Portanto a Confissão Augustana não nega que uma comunidade cristã em um determinado lugar seja uma assembleia de crentes, uma Igreja de Jesus Cristo no seu significado verdadeiro e próprio, mas quer colocar *a priori* uma margem a uma concepção independentística da Igreja, concepção que isola falsamente toda comunidade particular”.

¹⁵ Na nota 169 lemos: “Os fundadores do Congregacionalismo acreditavam que ali onde Cristo se encontra- existe também a Igreja e que Ele se encontre lá onde dois ou três estão reunidos no Seu nome. Assim, para eles, a Igreja não era fundada sobre uma qualquer organização, sobre ordens ou sobre uma tradição, mas simplesmente sobre a presença viva de Cristo com o seu povo. E esta presença era concedida, em modo justo, somente àqueles que se reuniam no seu nome, isto é que buscavam os seus fins, seguiam a sua direção e deixavam-se dominar pelo Seu espírito”.

Movimento. De certa forma o Movimento antecipa aquilo que as Igrejas um dia realizarão” (VISHER apud MARN, 1984, p. 5-6).

Consideramos que os poucos dados emersos da espiritualidade do Movimento dos Focolares, do pensamento de Calvino e de alguns teólogos reformados, sobre a presença do ressuscitado na comunidade, iluminam a compreensão a respeito das palavras de Visher acima citadas.

3.3 “A unidade” e os anglicanos

Um aspecto ao qual os anglicanos são particularmente sensíveis e que apreciam na espiritualidade do movimento, é a unidade. De fato a palavra

“anglicano” não representa um centro de autoridade e de lugar, mas antes uma unidade formada por igrejas “membros” [...]. Ao mesmo tempo porém, esta unidade não significa uniformidade ou conformidade em tudo aquilo que o estilo e a prática anglicana prescrevem universalmente, pelo contrário, é surpreendente verificar a grande diversidade das igrejas “membros” da Comunhão Anglicana (LEE, 1967, p. 67-68).

Esta coexistência de unidade e diversidade ao interno da Comunhão Anglicana origina-se de um seu comportamento característico que habitualmente é indicado com o termo *comprehensiveness*. Tal comportamento consiste em uma tendência a acolher as mais diferentes orientações e tradições litúrgicas e espirituais. Em 1966, por ocasião da abertura do Centro Anglicano em Roma, o então arcebispo de Canterbury, Michael Ramsey, delineou assim a “comprehensiveness” da Comunhão Anglicana:

A Comunhão Anglicana tem em grande consideração a Sagrada Escritura e os Credos Católicos. Na história valoriza os ensinamentos da Reforma do século XVI e não valoriza menos a continuidade que afirma manter com a Igreja antiga. No que diz respeito à espiritualidade, absorve-a dos santos e dos mestres de todos os períodos, no Ocidente e no Oriente. Com referência à teologia busca-a nas Escrituras, nos Padres antigos e na liturgia, enquanto esforça-se em aproveitar também da luz que emana dos conhecimentos modernos e quanto irradia das avaliações do homem e do mundo (RAMSEY apud LEE, 1967, p. 69).

A Comunhão Anglicana é consciente desta sua fisionomia antinômica, caracterizada por unidade e diversidade simultaneamente. O Movimento de Oxford, liderado especialmente por Newman e Pusey, mesmo suscitando incompreensões dentro da Igreja anglicana e não representando a sua teologia oficial, assinalou a revivescência, no século passado, da antiga corrente da Alta Igreja, que sempre existiu na Comunhão Anglicana desde o tempo da ruptura com Roma. Tudo isso contribuiu a evidenciar esta característica antinômica da Igreja anglicana.

Newman, ao contrário de alguns outros iniciadores do Movimento de Oxford, jamais cedeu à “fácil tentação de contrapor uma tradição católica considerada autêntica e um patrimônio protestante julgado falso” (BOUYER, 1968, pp. 232-233).¹⁶

O fato de considerar-se uma ‘ponte’ entre as diversas tradições cristãs torna a Comunhão Anglicana caracteristicamente sensível à unidade e, como consequência, atraída pela espiritualidade do Movimento dos Focolares, sendo também esta centralizada na unidade.

Em ambos, Comunhão Anglicana e Movimento dos Focolares, existem pontos em comum sobre o modo como conceber a unidade das igrejas. Antes de tudo sobre a natureza desta unidade: é a unidade desejada por Cristo mesmo, e obra dele. A Conferência de Lambeth de 1920, assim diz, ao número 1:

Acreditamos que Deus quer a comunhão fraterna. Tal união realizou-se por ação divina e por meio de Jesus Cristo, e a sua vida está no Seu espírito. Acreditamos que é vontade de Deus que esta união se manifeste, no que concerne a este mundo, através de uma sociedade externa visível e unida, que possui uma única fé, munida de próprios ministros reconhecidos como tais, fornida, por virtude divina, de instrumentos de graça e que convida todos os seus membros ao serviço do reino de Deus sobre toda a terra. Isto é o que entendemos por Igreja católica (BOUYER, BERLUCCI, 1953, p. 79).

A Comunhão Anglicana é consciente de que o modo com o qual esta unidade se exprimirá visivelmente será um dom de Deus, e ao mesmo tempo acredita que, de todo modo, será excluída qualquer absorção de uma por parte das outras. Sempre a Conferência de Lambeth, ao número 9, exprime-se assim:

A direção espiritual da igreja católica nos tempos futuros, que o mundo espera manifestamente, dependerá da prontidão com a qual cada grupo se preparará a fazer sacrifícios, a fim de alcançar uma fraterna comunhão, um ministério comum e um comum serviço ao mundo. Nós colocamos este ideal diante de nós e do nosso povo como objetivo primário, e pedimos que se façam esforços para ir ao encontro das exigências de uma nova era com uma

¹⁶ Cf. também LEE, E. L. L’Ecumenismo oggi: convergenze dottrinali, problemi e prospettive. Testimonianza anglicana. In: **Ecumenismo oggi: bilancio e prospettive. Atti della XIII sessione di formazione ecumenica organizzata dal Segretariato Attività Ecumeniche (SAE). La Mendola (Trento), 29 de julho-agosto 1975**, Leumann (Torino): Elle Di Ci, 1976, p. 70: A Comunhão Anglicana sente-se na responsabilidade de ser aberta e de tomar a iniciativa com a Igreja do catolicismo apostólico, com a Ortodoxia e com as Igrejas da Reforma Protestante”. Cf. também ROUSE R., NEIL S.C., a c. di. **Storia del Movimento Ecumenico dal 1517 al 1948. Vol.II. Dagli inizi dell’800 alla Conferenza di Edimburgo**, Bologna: EDB, 1973, p. 124: A contribuição essencial do Movimento de Oxford foi, sem dúvida, a revalorização da doutrina sobre a Igreja. Desde o final do século XVIII aos primeiros decênios do século XIX, vários fatores externos levaram a esta revalorização e deram a esta tentativa uma orientação especificamente ecumênica, sobretudo em vista de uma reunião com a Igreja católica de Roma” Cf. também BACK, Joan Patricia. La riflessione su Dio nella Chiesa d’Inghilterra, em AA.VV., **Corso di Teologia II, Il Dio di Gesù Cristo** (Università Popolare Mariana), Roma: Città Nuova, 1982, pp. 231-232: “Foi a partir de Richard Hoocher (1554-1600), definido o ‘pai’ da teologia anglo-católica’ que teve início a teologia do Caroline divines (a teologia dos teólogos carolíngios que se caracterizou por uma espiritualidade católica. Estes teólogos, como George Hubert, Nicholae Ferrar e Jeremy Taylor, viveram na época dos reis Carlos I e Carlos II, daqui a sua denominação). Com as suas obras a Igreja Anglicana qualificou-se como nem romana, nem calvinista, mas ao mesmo tempo ‘católica e protestante’”.

visão renovada. Dirigimos este nosso apelo a todos os outros cristãos aos quais possa chegar a nossa palavra. Não pedimos que nenhuma comunidade consinta em ser absorvida por outra: pedimos somente que todos se unam em uma nova e grande tentativa de recuperar e manifestar ao mundo aquela unidade do Corpo de Cristo pela qual Ele rezou (BOUYER; BERLUCCI, 1953, p. 82, nossa tradução).

Essas últimas palavras encontram um eco no pensamento da Lubich sobre a futura unidade das igrejas. Diz ela:

Estou convencida de que durante estes séculos de divisão Deus não abandonou nenhuma das igrejas. De modo que, amanhã, na reunificação, cada igreja reunida com as outras, mesmo espelhando a unidade de Deus, não apenas manterá a própria peculiaridade que desenvolveu com o passar dos séculos mas, colocando-a em comum com todas as outras igrejas a completará, a corrigirá, a fortalecerá. Portanto cada igreja se tornará, de certo modo, “especialista” naquela verdade particular que aprofundou através dos séculos (LUBICH, 1975b, p. 33).

Por ocasião da outorga do Premio Templeton a Lubich, em 1977, o arqui-diácono Bernard Pawley, hoje falecido, expressou-se exatamente neste sentido. Para ele

a importância do Movimento dos Focolares, sob o ponto de vista ecumênico é, antes de tudo, o fato que ele representa o nascimento, no coração da grande igreja de Roma, de uma espiritualidade cuja essência é o Evangelho, e que facilmente pode ser reconhecida como um novo rebento, que segue os muitos outros do passado, e que é certamente capaz de construir uma ponte de aceitação recíproca entre católicos e cristãos evangélicos (FALLACARA, 1981, p. 39).

Além disso, é de particular interesse para os anglicanos o fato que seja exatamente o relevo dado à Palavra de Deus e ao amor mútuo, a impulsionar os membros do Movimento dos Focolares a se ocuparem da unidade entre todos os cristãos.¹⁷ Talvez, por este motivo, durante o encontro da Lubich com o primaz Michael Ramsey, em 19 de julho de 1966, ele pôde dizer que ela “tinha muito a oferecer à Igreja da Inglaterra” e entrevistou muitos modos com os quais o Movimento dos Focolares poderia trabalhar em contato com os anglicanos e estabelecer uma comunhão espiritual com eles (RAMSEY apud ROBERTSON, 1979, p. 59).

Vinte anos depois foi inaugurado um “Centro Mariápolis para a unidade” – local para encontros - em Londres, de responsabilidade do Movimento dos Focolares. Para a arrecadação de fundos o cardeal Basil Hume e o então arcebispo de Canterbury, Robert Runcie, assinaram

¹⁷ Cf. Incontro con gli anglicani a Liverpool, em Notiziario del Centro Uno 15 março 1966 [2] 6, a carta que o decano da catedral de Liverpool, Edward Patey, enviou a vários expoentes da Igreja baixa, convidando-os para um encontro no qual Chiara Lubich se pronunciaria, no dia 17 de novembro de 1965. Entre outras coisas diz: “Um dos desenvolvimentos mais interessantes da Igreja Católica Romana dos últimos anos foi o crescimento do Movimento conhecido como “os focolarinos”. É um movimento essencialmente leigo... de particular interesse para os anglicanos é o fato que os focolarinos, com a forte insistência sobre a piedade pessoal e o estudo da Bíblia, ocupam-se da unidade cristã essencialmente em nível do amor pessoal a Cristo. [...] Eu acredito que (este encontro) poderá assinalar um significativo passo à frente na relação entre anglicanos e católicos romanos em Liverpool”.

uma carta que transcrevemos na íntegra porque evidencia como a característica peculiar da unidade, trazida pela espiritualidade do movimento, é de ajuda na busca da unidade entre católicos e anglicanos:

O Movimento dos Focolares sublinha fortemente o Ideal da Unidade em Cristo. Conta entre os seus membros, católicos, anglicanos e fiéis das Igrejas Livres. Nos relacionamentos entre eles exprimem aquela unidade em Cristo que é capaz de superar qualquer desunidade. Um Centro para a Unidade, do Movimento dos Focolares, nesta nação, daria uma grande contribuição para um ecumenismo vivo. Nós acolhemos de coração e apoiamos a existência do já citado Centro permanente para a unidade, pelo qual o trabalho do Movimento dos Focolares poderia ser favorecido e encorajado (MARL, 1983, p. 4).¹⁸

O centro de encontros pode ser identificado como uma concretização de um daqueles modos de contato e comunhão, entre católicos e anglicanos, acima acenados, preconizados pelo primaz Ramsey.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes de tudo, a espiritualidade do Movimento favorece e promove um ecumenismo autenticamente *espiritual* - no sentido indicado pelo Concílio Vaticano II (UR 8) – enquanto produz em quem a segue um impulso a viver a caridade cristã.

Ecumenismo espiritual não quer dizer espiritualístico, alheio à realidade concreta da vida cotidiana. Os congressos ecumênicos promovidos pelo movimento querem ser uma expressão e concretização desta experiência, seguindo quanto recomenda *Unitatis redintegratio* 9 quando diz que “é necessário conhecer a alma dos irmãos”, contribuindo deste modo a incrementar a vida de caridade entre os cristãos que dele participam.

Mas o ecumenismo espiritual leva a viver também um *ecumenismo prático*. Pela presença de cristãos de diversas tradições, no movimento, têm-se já uma possibilidade de atuar este ecumenismo prático em todas as suas atividades concretas¹⁹, visto que em toda as nações onde estão presentes, esses membros trabalham juntos e testemunham a própria experiência de vida do Evangelho, como exortam *Ad gentes* 15, *Apostolicam actuositatem* 27 e *Unitatis redintegratio* 12.

¹⁸ Cf. Centro Mariapoli inglese. **MARL** 2/1983, n. 10, p. 4. Cf. também: Festa. Inaugurazione del “Centro per l’unità”. **MARN** 3/1986, n. 11, pp. 12-13: O Centro foi inaugurado no dia 20 de novembro de 1986; entre os numerosos participantes, estavam presentes à cerimônia, 30 bispos de cinco igrejas.

¹⁹ Com o passar dos anos nasceram espontaneamente, ao interno do Movimento, muitos setores específicos: o Movimento por uma Humanidade Nova, o Movimento Famílias Novas, o Movimento por uma Paróquia Nova, o Movimento por uma Juventude Nova, e o Movimento Juvenil pela Unidade. Todas estas ramificações têm o objetivo de renovar os vários âmbitos da vida social com a vivência do Evangelho, promovendo, para esta finalidade, atividades concretas, seja em nível local que internacional, e nada mais são do que uma concretização do objetivo primordial do Movimento: viver para que “todos sejam uma coisa só”(Cf. Jo. 17). Com relação à natureza e objetivos destes movimentos Cf. AA.VV. **II Movimento dei Focolari**, 3. ed. Roma: Città Nuova, 1977; LUBICH, Chiara. Molte vie per un mondo unito. **Città Nuova**, 29/1985, n. 7, pp. 31-38.

Este testemunho comum entre os membros do movimento pertencentes a diversas tradições cristãs, exprime-se também no nascimento e desenvolvimento de centros ecumênicos.²⁰

Ainda um outro aspecto do ecumenismo prático do movimento são as escolas ecumênicas e escolas de ecumenismo, que ele promove e que desejam responder à exortação do concílio, respectivamente, em *Unitatis redintegratio* 9 sobre o estudo “conduzido segundo a verdade e com boa disposição de alma”, sobre a aquisição de “um melhor conhecimento da doutrina e da vida espiritual e litúrgica, da psicologia religiosa e da cultura, própria dos irmãos”; e em *Unitatis redintegratio* 10 sobre a atuação dos católicos em terras onde vivem e atuam também irmãos de outras tradições: “também os católicos que atuam em obras missionárias nas mesmas terras onde trabalham outros cristãos, devem, especialmente hoje, conhecer as questões e os frutos que no próprio apostolado nascem do ecumenismo”.

Dessa forma, em países como a Alemanha, Inglaterra e Suíça, onde os membros do movimento são não somente católicos, mas também, respectivamente, luteranos-evangélicos, anglicanos e reformados, vê-se a importância da realização de escolas ecumênicas onde os membros do movimento possam aprofundar o conhecimento das suas tradições teológicas e espirituais e ainda o estudo dos documentos do diálogo teológico.

E, ainda, nos países onde existe uma grande presença de cristãos de outras tradições viu-se a necessidade de uma escola de ecumenismo, para os membros católicos do movimento, onde seja possível transmitir a eles um conhecimento da história, além de que do desenvolvimento e também dos problemas colocados pelo ecumenismo, e o pensamento e diretivas da Igreja católica e este respeito. Escolas como essas foram realizadas na Argentina e no Brasil; no Brasil de 1982 até 2001.²¹

Os vários relacionamentos estabelecidos no decorrer do tempo entre o Movimento dos Focolares, e as outras tradições cristãs, são expressão daquela unidade que já é possível com base no único batismo e pelo fato que todos os cristãos encontram na Sagrada Escritura a própria norma de vida, apesar da diversidade de interpretações sobre determinados pontos.

De fato, a espiritualidade que anima o movimento desabrochou inteiramente do Evangelho de forma que todo cristão, qualquer que seja a tradição à qual pertence, pode vivê-la

²⁰ Em algumas nações surgiram centros onde os membros que ali moram desejam dar um testemunho de vida do Evangelho. Na Alemanha, em Ottmaring, nas proximidades de Augusta, nasceu em 1967, um Centro de vida, onde moram católicos e luteranos aderentes ao Movimento dos Focolares. Sobre a importância deste Centro falou D. Josef Stimpfle, bispo da diocese onde situa-se Ottmaring. Cf. FALLACARA, Gabri. Viaggio di Chiara Lubich in Germania. **Città Nuova**, Roma, 25/ 1981, n. 22, pp. 38-39: Ottmaring, enquanto lugar de convivência entre católicos e evangélicos, tendo como base o amor recíproco, torna-se, para Stimpfle, um modelo aplicável a todas as formas de convivência e organismos, ecumênicos e não. Este – continua – é um notável contributo do Movimento dos Focolares, e não apenas para o ecumenismo espiritual que ele segue “no modo mais próximo do quanto deseja o decreto conciliar *Unitatis redintegratio*, mas também pelo incremento que traz “à reunião do ponto de vista da teologia e da prática da fé” (nossa tradução).

²¹ Ao objetivo de promover o conhecimento da situação atual do ecumenismo como da tradição espiritual das outras igrejas cristãs, são de auxílio também as publicações do Movimento nas quais procura-se dar amplo espaço a esse tema.

seguindo as diretrizes da própria Igreja. Assim a espiritualidade do movimento pode ser vista como um elemento unificador entre as várias igrejas. ✨

REFERÊNCIAS

AA.VV. **Il Movimento dei Focolari**, 3. ed. Roma: Città Nuova, 1977.

BACK, Joan Patricia. **Il contributo del Movimento dei Focolari alla koinonia ecumenica. Una spiritualità del nostro tempo al servizio dell'unità**. Roma: Città Nuova, 1988.

BACK, Joan Patricia. La riflessione su Dio nella Chiesa d'Inghilterra. In: AA.VV. **Corso di Teologia II, Il Dio di Gesù Cristo** (Università Popolare Mariana). Roma: Città Nuova, 1982, p. 229-236.

BARTH, Karl. **Dogmatica in sintesi**. Roma: Città Nuova, 1969.

BARTH, Karl. **La Chiesa**. Roma: Città Nuova, 1970.

BOSELLI, Guglielmo; LUBICH, Gino. A Londra s'è aperta al Movimento di Focolari una prospettiva nuova. **Città Nuova**, Roma, 21/1977 n. 8, pp. 28-43.

BOYER, Charles; D. BELLUCCI (Orgs.). **Unità cristiana e Movimento ecumenico. Testi e documenti, I**, (Universale Studium. Testi e documenti, 2). Roma: studium, 1963.

BOUYER Louis. **La spiritualità protestante e anglicana**. Bologna: Dehoniane, [1972].

CALVINO, Giovanni. **Istituzione della religione cristiana**. Torino: UTET, 1971. v. 2.

CASSESE, Michele. La concezione della Chiesa nella Confessione Augustana. **Ricerche Bibliche e Religiose**, 14/1980, n. 2, pp.7-75.

CASTELLANO, Jesus. Tendenze emergenti della riflessione teologico contemporanea: Prospettive attuali della teologia spirituale. **Nuova Umanità**, Roma, 5/1983, n. 30, pp. 57-70.

Centro Mariapoli inglese. **Mariapoli. Lettera di aggiornamento per gli interni del Movimento dei Focolari (MARL)** 2/1983, n. 10, p. 4.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Comunidade de comunidades: uma nova paróquia**. A conversão pastoral da paróquia. Brasília: Edições CNBB, 2014.

CONFERÊNCIA NACIONAL DOS BISPOS DO BRASIL. **Cristãos leigos e leigas na Igreja e na sociedade: "Sal da Terra e Luz do mundo"** (Mt 5,13-14). Brasília: Edições CNBB, 2016.

CONGAR, Yves. **Vera e falsa Riforma nella Chiesa**. Milão: Jaca Book, 1972.

CONGREGAÇÃO PARA A DOCTRINA DA FÉ. **Carta Iuvenescit Ecclesia aos bispos da Igreja católica sobre a relação entre dons hierárquicos e carismáticos para a vida e missão da igreja**. 15 de maio de 2016.

CROIX, Jean de la. Note per una formazione spirituale ecumenica. La conversione fondamentale: vivere la comunione. **Ut unum sint, Rivista ecumenica**, 7/1968, n. 14, pp. 23-32.

FALLACARA, Gabriella. Bernard Pawley, incalcolabile il debito verso di lui. **Città Nuova**, Roma, 25/1981a, n. 23 pp. 35-39.

FALLACARA, Gabri. Sono scesi tra noi gli amici luterani. **Città Nuova**, Roma, 10/1966, n. 13, pp. 34-36.

FALLACARA, Gabriella. Un jet di anglicani a Roma. **Città Nuova**, Roma, 10/1966, n. 10, pp. 34-37.

FALLACARA, Gabriella. Viaggio di Chiara Lubich in Germania. **Città Nuova**, Roma, 25/1981b, n. 22, pp. 28-39.

FALLACARA, G.; BACK, Joan; COEN, Margareth. I focolari e l'ecumenismo in Gran Bretagna ed Irlanda. **Città Nuova**, Roma, 25/1981, n. 14, pp. 27-38.

Festa. Inaugurazione del "Centro per l'unità". **Notiziario interno del Movimento dei Focolari (MARN)** 3/1986, n. 11, p.p. 12-13

GARAGNANI, Giuseppe. In Inghilterra 20 anni dopo, **Città Nuova, Roma**, 25/1981, n. 1, pp. 23-42.

GOFFI Tullo; SECONDIM, Bruno (Orgs.). **Corso di spiritualità. Esperienza. Sistematica. Proiezioni**. Brescia: Queriniana, 1989.

HEMMERLE, Klaus. **Vie per l'unità. Tracce di un cammino teologico e spirituale**. Roma: Città Nuova, 1985.

Importante incontro ecumenico di Chiara Lubich a Istanbul. **Città Nuova, Roma**, 11/1967, n. 18, pp. 10-17.

Incontro con gli anglicani a Liverpool. **Notiziario del Centro Uno**, 1966, n. 2, 15 marzo, p. 6.

JOÃO PAULO II. **Carta encíclica Ut unum sint: sobre o empenho ecumênico**. 3. ed. São Paulo: Paulinas, 2012.

JOÃO PAULO II. Messaggio di Sua Santità Giovanni Paolo II. In: **I Movimenti nella Chiesa. Atti del Congresso mondiale dei movimenti ecclesiali. Roma, 27-29 maggio 1998**, Città del Vaticano: Pontificio Consiglio per i Laici, 1999, pp. 13-19.

JOÃO PAULO II. La Chiesa come segno della volontà salvifica di Dio. **L'Osservatorio Romano**, Roma, 149/1979, 2-3 julho, pp.1-2.

LEE, E. L. L'ecumenismo oggi: convergenze dottrinali, problemi e prospettive. Testimonianza anglicana. In: **Ecumenismo oggi: bilancio e prospettive. Atti della XIII sessione di formazione ecumenica organizzata dal Segretariato Attività Ecumeniche (SAE). La Mendola (Trento), 29 de julho-agosto 1975**, Leumann (Torino): Elle Di Ci, 1976, pp. 67-80.

LEMONNIER, O. P. Una spiritualità per il nostro tempo: il Movimento dei Focolari. **Rivista di Ascetica e Mistica**, 14/1969, n. 1, pp. 35-52.

LEONARD, Emile G. **Storia del Protestantismo, I. La Riforma: dalle origini al 1564**. Milano: Il Saggiatore, 1971.

LOEWENICH Walther VON. **Theologia crucis. Visione teologica di Lutero in una prospettiva ecumenica**. Bologna: EDB, 1975.

LUBICH, Chiara. **A caridade como estilo de vida**. 2. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1978.

LUBICH, Chiara. Ad Ottmaring cattolici ed evangelici dialogano con la vita. **Città Nuova**, Roma, 16/1972, n. 6, pp. 1-12.

LUBICH, Chiara. **A palavra de vida**. 3. ed. São Paulo: Cidade Nova, 1975a.

LUBICH, Chiara. Dialogo aperto. Unità delle Chiese. **Città Nuova**, Roma, 19/1975b, n. 12, p. 33.

LUBICH, Chiara. Molte vie per un mondo unito. **Città Nuova**, Roma, 29/1985, n. 7, pp. 31-38.

LUBICH Chiara. **Onde dois ou mais**. São Paulo: Cidade Nova, 1976.

LUBICH, Gino. Ottmaring: Ecumenismo della vita. **Città Nuova**, Roma, 18/1974, n. 24, pp. 28-31.

LUTERO, Martinho. **Dalla Parola alla vita. Scritti spirituali**, a.c. di HANSELMANN J. e HELBICH, P. Roma: Città Nuova, 1984.

LUTERO, Martinho. **Prediche sulla Chiesa e lo Spirito Santo**. Roma: Claudiana, 1984.

MURRAY, Paul (Ed.). **Receptive ecumenism and the call to Catholic learning. Exploring a way for contemporary ecumenism**. Nova York: Oxford University Press, 2008.

PONTIFÍCIO CONSELHO PARA A PROMOÇÃO DA UNIDADE DOS CRISTÃOS; FEDERAÇÃO LUTERANA MUNDIAL. **Do conflito à comunhão**. Comemoração conjunta católico-luterana da Reforma em 2017. Relatório da Comissão Luterana – Católico-Romana para a Unidade. Brasília: Edições CNBB; Sinodal, 2015.

POVILUS, Judith Marie. **“Gesù in mezzo” nel pensiero di Chiara Lubich. Genesi, contenuti e attualità di un tema della sua spiritualità**. 2. ed. Roma: Città Nuova, 1981.

ROBERTSON, Edwin. **Chiara**. São Paulo: Cidade Nova, 1979.

ROSSÉ, Gérard. **Gesù in mezzo; Matteo 18,20 nell’esegesi contemporanea**. Roma: Città Nuova, 1972.

ROUSE, Ruth; NEIL, Stephen C.(Org.). **Storia del Movimento Ecumenico dal 1517 al 1948. Vol.II. Dagli inizi dell’800 alla Conferenza di Edimburgo**. Bologna: EDB, 1973.

TERTULIANO, **De exhortationem castitatem**, 7, (PL2, 971).

VERCRUYSSSE, Je E. Rilevanza per l’ecumenismo della “teologia della croce” di Lutero. **La Civiltà Cattolica**, 140/1989, n. 3343, pp. 16-29.